



Nilsa Areán-García²¹
Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo: Desenvolvida na Universidade de São Paulo, esta pesquisa, que surgiu no âmbito das pesquisas do Grupo de Morfologia Histórica do Português, GMHP (<http://www.usp.br/gmhp>), visa a explorar alguns dos aspectos semânticos e funcionais do sufixo -ista na língua portuguesa, dando ênfase à sua produtividade na formação de nomes de agentes profissionais e/ou ocupacionais. Sabe-se que -ista, sufixo culto de origem grega, comparte com outros sufixos, principalmente com -eiro(a), -or(a) e -nte, a formação de nomes nesta categoria semântica, e, considerando que não há sinonímia perfeita, cada sufixo, em particular -ista, terá a sua peculiaridade semântica, que o distingue dos demais, marcada na produção de palavras por meio de certas características discutidas neste trabalho, tais como: a sua origem, período de produtividade, restrições com relação às bases de derivação e, mesmo, preferências de uso, ditadas pela regionalidade ou ainda divididas entre os âmbitos formal e informal, popular e científico, dentre outros.

Palavras-chave: morfologia histórica, formação de palavras, *nomina agentis*, concorrência entre sufixos, sufixo -ista.

1. Introdução

Sabe-se que, na formação nominal, há vários sufixos agentivos que podem designar a mesma função, entretanto no processo linguístico alguns têm preferência ante outros. No trabalho coordenado em que este se insere o estudo se dá em torno de quatro sufixos: -eiro(a), -ista, -nte e -or(a), pois apresentam grande relevância na formação de nomes agentivos, em particular de profissionais, na língua portuguesa, embora a ênfase deste artigo seja para o sufixo -ista. A título de ilustração, o sufixo -eiro(a) ocorre em: violeiro(a) e jornaleiro(a), o sufixo -ista ocorre em: violinista e jornalista, -nte em: estudante e escrevente, -or(a) em: cantor(a) e governador(a). Nota-se, então, que podemos ter vários sufixos com a mesma função semântica e até, em alguns casos, atuando sobre uma mesma base. Alguns autores afirmam que estes problemas são resolvidos por restrições lexicais da língua, segundo Aronoff (1976: 55), como o bloqueio, ou seja, quando a ocorrência da formação de uma palavra é impedida pela existência de outra forma que já preenche o seu papel no léxico, por exemplo, como já está cristalizada a palavra estudante, bloqueia-se a forma *estudador(a). Entretanto, segundo Sandmann (1991: 78-80), “a especialização de sentido de uma palavra pode levar à anulação do bloqueio de formas com outros sufixos de função igual”, é o caso de palavras como jornalista e jornaleiro(a).

Encontram-se, também palavras concorrentes com a mesma noção semântica além de mesma função, tais como: manobreiro(a) e manobrista sem que uma forma bloqueie a outra e sem que haja uma especificação semântica entre elas. Similarmente, podemos encontrar como concorrentes as seguintes palavras em Houaiss (2001): abrihantador e abrihantadista; babeiro e babador; bolsista e bolseiro; caminhador e caminhante; camionista e camihoneiro; fumante, fumador e fumista; habitador e habitante; jejuador e jejuante; ladrilhador e ladrilheiro; navegador e navegante; obrador e obreiro; padecedor e padecente; quarteador e quarteiro; rabequeiro e rabequista; sacaneante e sacaneador; uivador e uivante; vanguardeiro e vanguardista; zelador e zelante, dentre outras. Ainda que as obras lexicográficas possam

²¹ Esta pesquisa foi possível graças ao apoio financeiro recebido pela autora em forma de bolsa de doutorado da FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

considerar tais palavras como sinônimas, Areán-García (2009c: 1585) afirma que nos exemplos: fumante e fumador(a), bolsista e bolseiro(a); o sufixo indica uma variedade regional, neste senso, no português de Portugal são utilizadas as formas: fumador(a) e bolseiro(a), enquanto no do Brasil: fumante e bolsista, considerando que tais preferências refletem conceptualizações diferentes para culturas diferentes que promoveram diferentes trajetos linguísticos, e, segundo a autora, “os sufixos nestes casos marcam, mais que um matiz semântico, a variação regional, indicando, pela sua escolha sufixal, a identidade e proveniência do falante”. Assim:

O significado será sempre parcial, pois, caso contrário, teríamos a mesma palavra ou sufixo empregados na mesma acepção, em outras palavras, duas ocorrências da mesma palavra ou sufixo. [...] Do mesmo modo que não existem sinônimos perfeitos entre palavras, não há, vendo o conjunto como um todo, sinônimos perfeitos de sufixos, de sorte que formas como pianista e pianero significam coisas distintas (Viaro 2007).

Dessa maneira, considera-se a preferência como um reflexo da produtividade dos sufixos que ocorre em um determinado momento da história e pode ser cristalizada pelo seu uso em determinadas culturas, motivando as diferenças nas vertentes usadas. Nestes casos, os estudos diacrônicos da produtividade dos sufixos e das mudanças semânticas são fundamentais. Convém frisar que este artigo tem como foco a formação de nomes de profissionais com o sufixo -ista, restringido-se, então, o estudo diacrônico a este afixo na língua portuguesa, embora, sempre que possível, serão feitas menções às formações com os sufixos concorrentes.

2. Origem de -ista

Segundo Casevitz (1985: 69), -ista é proveniente da terminação grega *-ιστής*, que era usada para formar nomes de agentes a partir de verbos com objetos/complementos e terminados em *-ίζω* no dialeto jônico-ático, tendo sido incorporada à *koiné* a partir do século III a.C. Portanto, originariamente, -ista não era um sufixo, mas uma terminação associada ao sufixo grego *nomina agentis -τής*. Posteriormente, esta terminação passou a se associar também à terminação grega *-ισμός*, denotando os agentes para a mesma base. Com essa conotação semântica foi importada para o latim sob a forma não muito produtiva *-istēs*, em palavras cultas de origem grega; e, com o processo de expansão do Império Romano, foi incorporada às línguas românicas.

Para Said Ali (1930: 20), -ista está associado ao sufixo -ismo – cuja produtividade no português, segundo o autor, se dá a partir do século XVIII com sua primeira conotação semântica designando os partidários de doutrinas e sistemas formados pelo sufixo ao qual se associa, “perdurando tal uso até a atualidade na língua portuguesa e, na modernidade, continua a criar nomes ou os importá-los do estrangeiro para designar pessoas com ocupação relacionada ao objeto que serve como base da derivação”.

Embora já tenhamos palavras no âmbito eclesiástico, tais como: evangelista, batista e organista desde os primórdios da língua portuguesa, em Areán-García (2007: 295-299) e Areán-García (2009a: 36-37) afirma-se que as primeiras produções com o sufixo efetivamente na língua se dão a partir do século XVI, durante o período das navegações e descobertas marítimas, porém com a designação gentilica, tais como: paulista (1554), santista (1543), macaista (1557) etc, segundo as datações de Houaiss (2001). Acredita-se, então, que somente a partir do século XVI se tenha iniciado o reconhecimento de -ista como um sufixo no processo de produção de novas palavras no português, ao passo que a produtividade de seus três sufixos concorrentes estudados seja bem mais antiga, como, por exemplo, a do -eiro(a) é verificada a partir do século XII (Areán-García 2009c: 1583); a do -or(a) a partir do século XII (Areán-García 2009c: 1581) e a do -nte a partir do século XII (Areán-García 2009c: 1582). Entretanto, conforme Areán-García (2007: 263), reforçada por Areán-García (2008: 16) e Areán-García (2010c: 57-58), é somente a partir do século XIX, ou seja, três séculos mais tarde, que o sufixo -ista se mostra produtivo na formação de nomes de profissionais na língua portuguesa, principalmente à luz das formações na língua

francesa; tornando-se esta a principal e mais importante característica semântico-funcional do sufixo desde então.

Convém notar ainda que, originariamente, *-ista* era uma terminação *nomina agentis* deverbal, no entanto, desde sua incorporação como sufixo na língua portuguesa, dentre outras línguas, tornou-se majoritariamente denominal na formação de nomes de agentes profissionais. Para Areán-García (2007: 263), “etimologicamente, o sufixo *-ista* é um formador de agentivos deverbais, mas morfológicamente expandiu-se também como formador de agentivos denominais”. Sabe-se que a terminação grega *-ιστής* atuava em verbos constituídos com objetos e/ou complementos, nos quais figura além da idéia de uma ação também a de um ou mais objetos a ela associados, por exemplo, *βαπτίζω* (batizar) significa “aspersar com água” e *βαπτιστής* (batista) significa “aquele que asperge com água”; *ἐξορκίζω* (exorcizar) significa “prestar juramento” e *ἐξορκιστής* (exorcista) significa “aquele que presta juramento”; analogamente *ψαλμίζω* significa “cantar poesia sagrada tocando instrumento de cordas” (cantar salmos) e *ψαλμιστής* (salmista) significa “aquele que canta poesia sagrada tocando instrumento de cordas” (cantor de salmos). No próprio grego, a terminação *-ιστής*, dada a sua produtividade, tornou-se mais abrangente passando a atuar também em verbos não terminados em *-ίζω* para designar *nomina agentis*, por exemplo, *εὐαγγελίζομαι* (evangelizar) significa “trazer boas mensagens” e *εὐαγγελιστής* (evangelista) significa “aquele que traz boas mensagens”. Acredita-se, então, que a abrangência e a transposição de *-ιστής* para línguas nas quais as palavras que denotam ações normalmente estão separadas das palavras que denotam objetos, propiciariam tal mudança. De sorte que, na língua portuguesa, *-ista* ao ser incorporado como um sufixo formador de nome de profissionais majoritariamente denominal, depara-se com *-eiro(a)*, tornando-se, assim, o seu principal concorrente ao atuarem sobre as mesmas categorias de bases nesta função semântica. De fato, Basílio (2006: 74) afirma que a maioria dos processos de formação de *nomina agentis* a partir de substantivos, no português, ocorrem com os sufixos *-eiro(a)* e *-ista*, considerando-os, portanto, como concorrentes funcionais. De maneira similar, Vilela (1994: 75) sustenta que *-eiro(a)* é o principal e mais antigo sufixo formador de nomes agentivos na língua portuguesa, sofrendo grande concorrência de *-ista*.

3. A internacionalidade de *-ista*

Areán-García (2009b) afirma que a terminação grega *-ιστής* se disseminou como sufixo em várias línguas européias e algumas palavras formadas com esta estrutura podem ser encontradas nas mais diversas línguas e até mesmo nas que ainda não a tem como sufixo, por exemplo: no hebraico e no japonês. Deste modo, *-ista* não é exclusivo do português.

A autora ressalta que nas línguas em que os cognatos de *-ista* são considerados sufixos, encontra-se como principal função semântica destes a formação de nomes de agentes profissionais, considerando que houve um processo de especialização do sufixo *nomina agentis*. Neste senso, utilizando como *corpus* dicionários das mais diversas línguas, Areán-García (2009b: 482) apresenta as seguintes categorias características destas formações:

1. Formador de agentividade direta e indireta, segundo classificação de Basílio (2006: 74). Por exemplo, no alemão: *Modistin* (modista), no hebraico: טסירוקידפ (tradução: “pedicuro”, transliteração: *lpedikuristl*).
 - 1.1. Profissional que dirige ou opera determinado equipamento. Por exemplo, no russo: *машинист* e *машинистка* (na forma masculina significa maquinista, condutor da máquina do trem, e na forma feminina significa datilógrafa, ou seja, quem tem habilidade na operação de uma máquina de escrever); no catalão: *escuterista* (condutor de *scooter*).
 - 1.2. No âmbito da música em geral. Por exemplo, no italiano: *solista* (solista); no castelhano: *arreglista* (quem faz arranjos musicais).

- 1.2.1. Músico que toca determinado instrumento. Por exemplo, no polonês: *wiolonczelista* e *wiolonczelistka* (violoncelista, nas formas masculina e feminina, respectivamente); no russo: *гитарист* e *гитаристка* (guitarrista, quem toca violão; nas formas masculina e feminina, respectivamente).
- 1.3. No âmbito dos jogos e esportes em geral. Por exemplo, no valenciano: *deportiste* e *deportista* (esportista, nas formas masculina e feminina, respectivamente) e no catalão: *centrocampista* (centro-campista).
 - 1.3.1. Jogador de determinada modalidade lúdico-esportiva. Por exemplo, no italiano: *calcista* (jogador de futebol); no polonês: *tenista* e *tenistka* (tenista, nas formas masculina e feminina, respectivamente).
- 1.4. No âmbito artístico em geral. Por exemplo, no português: trapezista e contorsionista.
- 1.5. Profissional especializado em:
 - 1.5.1. Ciências Biológicas. Por exemplo, em inglês: *biologist* (biólogo).
 - 1.5.1.1. Medicina. Por exemplo: em francês: *dermatologiste* (dermatologista).
 - 1.5.2. Ciências Exatas. Por exemplo, em inglês: *physicist* (físico).
 - 1.5.3. Ciências Humanas. Por exemplo, em russo: *лингвист* e *лингвистка* (lingüista, nas formas masculina e feminina, respectivamente); em francês: *hebraïste* (hebraïsta, especialista na língua hebraica).
 - 1.5.3.1. Escritor de determinado gênero. Por exemplo, no inglês: *novelist* (romancista, escritor de romances); no castelhano: *cuenterista* (escritor de contos).
 - 1.5.4. Determinado período histórico. Por exemplo, no italiano: *cinquecentista* (quinhentista); no castelhano: *ochocentista* (oitocentista).

Areán-García (2009b: 465) informa que em suas pesquisas feitas nas gramáticas destas línguas consultadas, apenas encontrou que muitas das palavras que designam nomes de profissionais tiveram a língua francesa como berço, tendo sido inicialmente, nos séculos XVIII e XIX, por meio dela, direta ou indiretamente, incorporadas a outras línguas, nas quais, posteriormente, os cognatos de -ista puderam, à luz destas primeiras palavras incorporadas, promover a produção de novos vocábulos tecendo uma rede de produtividade concorrente com os demais sufixos preexistentes nas línguas propícias a tal. Convém notar que, anteriormente ao período citado, o sufixo -ista já era bastante produtivo na língua italiana, particularmente no âmbito musical que o fez tornar internacional com a função semântica que se estuda, devido à circulação de artistas pelas cortes europeias. Observa-se, ainda, que de maneira análoga, no âmbito da filosofia, a língua alemã exportou importantes vocábulos a partir do século XVIII e XIX. Já, a partir de finais do século XIX e principalmente após a segunda metade do século XX, a língua inglesa tomou a posição outrora ocupada, segundo a maioria das gramáticas, pela francesa. Confirma-se, assim, o quanto o desenvolvimento técnico-científico, econômico e social de uma região se reflete na sua produção lexical e na influência desta em outras regiões com as quais mantém contato, em particular com línguas diferentes que podem vir a adotar os seus novos vocábulos e, conseqüentemente, seus sufixos.

4. Alguns casos do sufixo -ista na língua portuguesa

A internacionalidade do sufixo -ista com a função semântica de agente profissional se mostra nos vocábulos da língua portuguesa por meio de perfeitas adequações de palavras importadas de outras línguas, deixando a difícil tarefa de tentar distinguir o que realmente é produção própria no português do que veio importado e por meio de qual língua. Uma maneira de tentar contornar o problema é através de consultas a dicionários com datações em várias línguas, embora mesmo os que as dispõem, muitas vezes não datam determinadas palavras com -ista, ou as datam de maneira muito vaga. Assim, aqui

citaremos alguns casos de formações de agentes profissionais com -ista, por exemplo no âmbito da música, para tentar explicar a concorrência com outros sufixos, especialmente o -eiro(a).

No grego clássico encontra-se o verbo *κιθαρίζω* que significa “tocar cítara” dando origem ao agentivo *κιθαριστής*, significando “aquele que toca cítara”, ou seja, citarista. De feito, à semelhança de citarista, a formação de nomes de músicos tomando como base o instrumento musical que tocam é internacional e bastante produtiva: pianista, flautista, violonchelista, violinista, saxofonista, oboísta, baixista, guitarrista, baterista, tecladista.

Ainda na Idade Média e no âmbito religioso, no qual a música erudita inicialmente também estava confinada, iniciou-se a proliferação da designação do músico que toca determinado instrumento. [...] Com a migração da música para o âmbito das cortes, tal estrutura de formação se espalhou por toda Europa e daí para outros locais, mostrando-se bastante produtiva em muitas línguas, sobretudo no italiano e no francês, com o desenvolvimento da música e a invenção de novos instrumentos. (Areán-García 2010b: 27).

Convém lembrar que a palavra organista já aparece no castelhano de Berceo (século XIII), *organiste* - conforme o Dicionário Le Petit Robert (1997) - é atestado em 1223 no francês e, atualmente, a palavra *pianisuto* (pianista) pode ser encontrada em dicionários japoneses. Observa-se também que em muitas línguas ocidentais o sufixo de origem grega concorre com sufixos agentivos autóctones na designação do músico que toca determinado instrumento, que na maioria dos casos indica o agente popular. Por exemplo, no português temos violista e violeiro, com o significado de “pessoa que toca viola”, no entanto o sufixo -eiro(a), neste caso, indica o músico que toca o instrumento popular ao passo que o sufixo -ista indica o músico que toca o instrumento internacionalizado, ou seja, a viola clássica, isto é, o instrumentista erudito. De maneira análoga, em russo o violino é um instrumento popular, assim o músico popular é designado pelo sufixo agentivo autóctone ao passo que o músico erudito que o toca é designado pela forma russa do sufixo -ista.

Desse modo, não é difícil deduzir como o sufixo se especializou na designação de nomes de profissionais. Por um lado, dada a sua origem culta, o sufixo especializa-se na construção do nome de profissionais bem qualificados. Por outro lado, dada a sua internacionalidade, se especializa na formação de nomes de agentes cujo desenvolvimento profissional necessita do contato internacional, por exemplo, instrumentistas, artistas, cientistas e especialistas em determinadas áreas do saber.

5. Uma classificação dos nomes de profissionais com -ista na língua portuguesa

Utilizando como *corpus* os nomes de profissionais/ocupacionais com -ista encontrados no Houaiss (2001), pode-se fazer a seguinte classificação, segundo a base:

1. Que X (verbo): veranista (veranear);
2. Remunerado por X (advérbio temporal): diarista (diariamente);
3. Que pratica X (nome substantivo): candomblezista (candomblé) e ocultista (ocultismo);
 - 3.1. Que pratica/ joga X (modalidade lúdico-esportiva): tenista (tênis) e futebolista (futebol);
4. Que aplica X (nome substantivo): massagista (massagem);
 - 4.1. Que aplica X (técnica): aquarelista (aquarela);
5. Que processa (cria, usa ou transforma) X (nome substantivo).
 - 5.1. Que faz/cria/produz X: mosaicista (mosaicos) e aderecista (adereços);
 - 5.1.1. Que cria/ cultiva X (animais/vegetais): cacaulista (cacau);
 - 5.1.2. Que fabrica X (produto): calçadista (calçados) e perfumista (perfume);
 - 5.1.3. Profissional da criação artística de X: capista (capas de livros);
 - 5.1.3.1. Escritor ou autor de X (gênero): contista (contos);
 - 5.1.3.2. Compositor de X (música): sambista (samba) e sinfonista (sinfonias);
 - 5.2. Que usa, transforma, processa X:
 - 5.2.1. Que comercializa X: florista (flores);

- 5.2.2. Que colecciona X: medalhista (medalhas) e filatelista (filatelios);
- 5.2.3. Que usa ou opera X (instrumento): cinegrafista (cinégrafo) e telefonista (telefone);
 - 5.2.3.1. Que dirige X (veículo): ascensorista (ascensor) e tratorista (trator);
 - 5.2.3.2. Que toca X (instrumento): flautista (flauta) e pianista (piano);
- 6. Que trabalha em X (nome substantivo locativo): confeccionista (confeção);
- 7. Que possui X (nome substantivo cuja posse indica ocupação profissional): pensionista (pensão) e acionista (ações);
- 8. Profissional especializado em X (nome substantivo que indica área de conhecimento): cientista (ciência);
 - 8.1. Músico especializado em gênero X: bossa-novista (bossa-nova) e instrumentista (música instrumental);
 - 8.2. Especializado em X (ciência biológica): geneticista (genética) e zoologista (zoologia);
 - 8.2.1. Médico especializado em X: cardiologista (cardiologia) e ortopedista (ortopedia);
 - 8.3. Especializado em X (ciência exata): algebrista (álgebra);
 - 8.4. Especializado em X (ciências humanas): lexicologista (lexicologia);
 - 8.4.1. Advogado especializado em X: civilista (direito civil) e tributarista (direito tributario);
 - 8.4.2. Especialista em X (língua ou cultura): açorianista (açoriano);
 - 8.4.3. Especialista na sócio-política de X (local): vaticanista (Vaticano);
 - 8.4.4. Especialista em X (período histórico): medievalista (medieval);
 - 8.4.5. Especialista na obra de X (nome substantivo antroponímico): camonista (Camões), machadista (Machado de Assis);
- 9. Outros profissionais: ritmista (ritmo) é quem marca o ritmo da música, e maratonista é o corredor de maratonas;

Apesar da grande gama de nomes de profissionais que podem ser derivados com o sufixo, temos que a maior das categorias, conforme já visto anteriormente, concentra-se em torno da classificação de profissionais especializados (categoria 8.), contando com um grande número no que diz respeito às ciências médicas. Nota-se, então, que no português a principal característica do sufixo -ista é a formação de agentes profissionais qualificados e especializados, ou seja, especialistas. Tal característica induz Miranda (1980: 86-87), ao comparar as formações dos sufixos -ista e -eiro(a), a afirmar que no português: “as atividades de maior prestígio seriam designadas por agentivos em -ista; enquanto os ofícios de menor prestígio ou marginalizados seriam expressos por agentivos em -eiro(a).” A autora, portanto, conclui que, neste âmbito semântico: “as regras X-ista e X-eiro, resultariam, pois, como definidoras de *status*”. Segundo a autora, sua hipótese de definição de *status* tem-se mostrado, atualmente, um processo produtivo na língua, ainda que haja as palavras: engenheiro e balconista como contra-exemplos. Seguindo na comparação das formações com os sufixos -ista e -eiro(a), Miranda (1980: 88) observa que o uso do sufixo -eiro(a), em lugar de -ista, traz um sentido pejorativo para certas formações, por exemplo: noveleiro, flautista e batuqueiro. Em seguida, Miranda (1980: 88-89), apresenta uma segunda hipótese, na qual as formações com -ista teriam uma agentividade com um traço semântico mais intelectual e poderiam ter como paráfrase “especialista em X”. Já as formações com -eiro(a) teriam, segundo a autora, uma agentividade com um traço menos intelectual e poderiam ter como paráfrase “quem faz algo em relação a X”. Dessa maneira, Miranda (1980: 88-89) conclui que: “a divisão de formalidade e o sentido pejorativo seriam decorrência da divisão inicial de sentidos, combinados com o padrão social geral, que atribui maior valor às atividades intelectuais”. Já, Vilela (1994:76) afirma que não há como fazer

generalizações diante de *-ista* e *-eiro(a)* devido à vastidão semântica que abrangem. A maioria dos autores, porém, não analisa o viés diacrônico destas formações concorrentes.

6. Um viés diacrônico na concorrência entre os sufixos *-ista* e *-eiro(a)*

Baseando-se na descrição dos processos dos neologismos de Guilbert (1975), Areán-García (2010a: 181) propõe a seguinte trajetória de fases da produtividade de um sufixo para um determinado núcleo semântico-funcional:

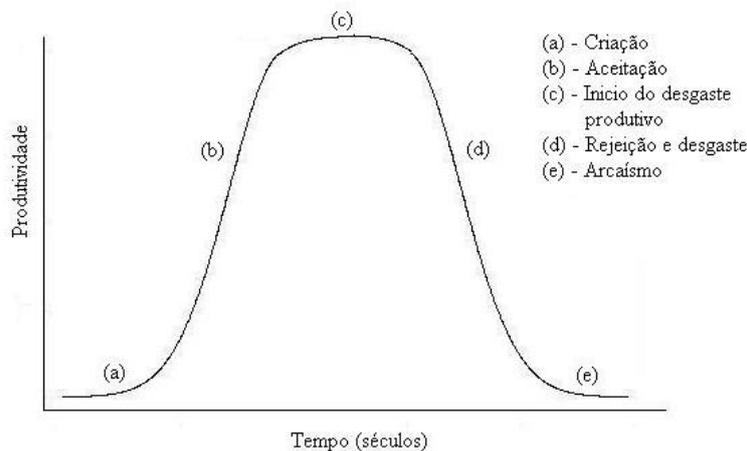


Gráfico 1. Modelo de trajetória de um núcleo de significação de um sufixo

Sabendo que o sufixo *-eiro(a)* é muito mais antigo na formação de nomes de agentes profissionais na língua portuguesa que o sufixo *-ista*, Areán-García (2010a: 183) propõe a seguinte gráfico de trajetórias dos dois sufixos concorrentes:

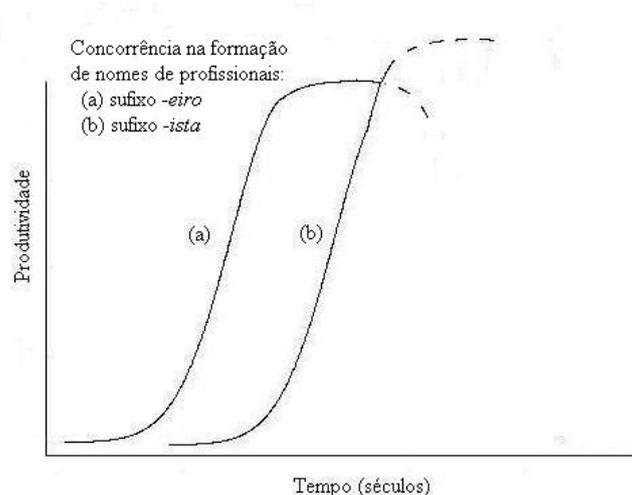


Gráfico 2. Modelo de trajetórias de sufixos concorrentes

Analisando-se as datações oferecidas pelo Houaiss (2001) frente ao gráfico 2, sustenta-se que o sufixo *-eiro(a)* tem uma grande produtividade como formador de nomes de profissionais desde o século XII, sofrendo um natural desgaste devido, principalmente, ao seu grande uso. Já, o sufixo *-ista*, passou a ter produtividade significativa a partir do século XIX, não tendo, até o momento, sofrido um desgaste tão intenso no uso em relação ao tempo quanto o sufixo *-eiro(a)*, na língua portuguesa. Aliando-se esta leitura, à Ullmann (1977: 481- 486) que considera os desenvolvimentos pejorativos muito comuns na linguagem e muito mais frequentes que os desenvolvimentos ameliorativos, Areán-García (2010: 185) afirma que “o matiz de pejoratividade expresso por um sufixo tenderá a ser maior, quanto maior tiver sido:

a sua abrangência semântica, a sua produtividade e o seu tempo de atuação na língua.” Desta forma, explica-se que -eiro(a) tenha um matiz pejorativo em relação a -ista, em exemplos como pianeiro(a) e pianista. De modo mais abrangente, pela pejoratividade também se justifica a tese de Miranda (1980), na qual estes dois sufixos são definidores de *status*, enquanto concorrentes. Ainda, com as datações, justifica-se que as formas: engenheiro(a) (1539) e enfermeiro(a) (século XIII) não sejam pejorativos, pois datam do período no qual o sufixo agentivo -eiro(a) ainda não sofria a concorrência de -ista.

7. Considerações finais

Apesar de termos vários sufixos na língua com a mesma função que podem atuar sobre a mesma base, as formações não serão sinônimas, pois cada sufixo tem o seu âmbito semântico de atuação bem definido, ademais, a própria “idade” do sufixo apresenta um traço semântico que será incorporado às suas formações, seja como pejoratividade e/ou como conservadorismo, ou ainda como fator estilístico frente a outros usos.

Especificamente no âmbito da formação de nomes de profissionais pode-se notar a criação lexical de novos nomes para antigas profissões revisitadas, por exemplo, a criação da palavra *culinarista* para a antiga profissão *cozinheiro(a)* revisitada. Neste processo, quando se faz uso da derivação, serão usados sufixos relativamente novos e que designem especialidade doutra, tal como o -ista. Pois, acredita-se que esta atitude seja o reflexo da necessidade de se valorizar as profissões, dada a concorrência acirrada para a obtenção de postos de trabalho atualmente na nossa sociedade, combinada ao poder de persuasão do mercado de cursos de especialização e qualificação de profissionais.

Convém lembrar, ainda, que, de acordo com Basílio (2001: 80), “a formação de palavras pode ter uma função exclusivamente cognitiva, como categorização. Mas, em termos de comunicação, a palavra se forma também em função do enunciado”. Ou seja, as funções não estão isoladas e exclusivas na formação da palavra diante da comunicação, assim, não há apenas uma função semântica ou morfológica, mas um misto de funções que associa os mais variados fatores ao enunciado e à expressão.

Referências bibliográficas

- Areán-García, Nilsa. 2007. *Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- _____. 2008. Os sufixos *-ismo* e *-ista* em documentos de língua portuguesa do século XII ao XIX. M. C. M. C. Lima-Hernandes; M. J. Marçal *et al.* (orgs.). *A Língua Portuguesa no Mundo - I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Vol. 2. São Paulo, FFLCH USP, CD-ROM. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/AreA1.pdf>>.
- _____. 2009. A formação de nomes gentílicos com o sufixo *-ista* no português: algumas questões. *Estudos Lingüísticos*, 38 (2), São Paulo: 31-41. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_03.pdf>.
- _____. 2009. A internacionalidade do sufixo *-ista*. M. A. C. R. T. Moraes e M. L. C. V. O. Andrade. (orgs.). *História do Português Paulista*. Vol. 2. Campinas, Universidade Estadual de Campinas: 467-488.
- _____. 2009. A variedade regional na sufixação. *Anais do XIII CNLF*. Rio de Janeiro, CiFEFiL: 1573-1586. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_2/a_variedade_regional_na_sufixacao_NILSA.pdf>
- _____. 2010. Concorrência entre sufixos, uma visão diacrônica. I. M. Alves *et al.* (org.). *Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. Vol. II. São Paulo, FFLCH/USP: 173 - 191. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/livros/EstLexDifPerspvolII.pdf>>.
- _____. 2010. As acepções semânticas do sufixo *-ista* no galego e no português. *Atas da III Semana de Filologia na USP*. São Paulo, FFLCH USP: 21-32.
- _____. 2010. Ocorrências do sufixo *-ista* em *corpora* dos séculos XIX e XX no português brasileiro e no português europeu. M. J. Marçal; M. C. Lima-Hernandes *et al.* (orgs.). *Língua portuguesa:*

- ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora, Universidade de Évora: 43-63. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg53/05.pdf>>.
- Aronoff, Mark. 1976. *Word formation in generative grammar*. Massachusetts, MIT / Cambridge.
- Basilio, Margarida. 2001. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática.
- _____. 2006. *Formação de classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo, Contexto.
- Casevitz, Michel. 1985. *Le vocabulaire de la colonisation en grec ancien*. Paris, Klincksieck.
- Guilbert, L. 1975. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse.
- Houaiss. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Le Petit Robert. 1997. *Dictionnaire de la langue française*. Paris, Le Robert.
- Miranda, Neusa Salim. 1980. *Agentivos denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Said Ali, Manuel. 1930. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Melhoramentos.
- Sandmann, Antônio José. 1991. *Competência lexical. Produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba, UFPR.
- Ullmann, Stephen. 1977. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- Viaro, Mário Eduardo. 2007. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos *-eiro/-eira* na língua portuguesa. G. Massini-Cagliari *et al.* (orgs.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo, Cultura Acadêmica: 45-84. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/Via33.pdf>>.
- Vilela, Mario. 1994. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra, Almedina.

